

# A consciência do conceito de paradigma como parâmetro para a produção de conhecimento em música.

[COMUNICAÇÃO]

Edilson V. Lima  
Universidade Federal de Ouro Preto

**Resumo:** Com base no conceito de paradigma desenvolvido por Thomas S. Kuhn em seu livro *A estrutura das revoluções científicas* (2006) e ampliado por Gianni Vattimo na publicação *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (1987), esta comunicação tem como objetivo discutir como este conceito pode contribuir na produção e pluralização de conhecimento (seja este científico, artístico, tecnológico ou filosófico) em nossa área de atuação, a música.

Palavras-Chaves: Paradigma. Ciência. Arte. Música.

**The awareness of the concept of paradigm as a parameter for the production of knowledge in music.**

**Abstract:** Based on the concept of paradigm developed by Thomas S. Kuhn in his book *The Structure of Scientific Revolutions* (2006) and expanded by Gianni Vattimo in the publication *The End of Modernity: Nihilism and hermeneutics in post-modern culture* (1987), this paper aims to discuss how this concept can contribute to the production and to pluralize of knowledge (be it scientific, artistic, technological or philosophical) in our area, the music.

Keywords: Paradigm. Science. Art. Music.

## 1. Introdução

A produção de conhecimento está atrelada, entre outras coisas, ao modo como concebemos nossa atuação junto a uma comunidade (científica/artística) específica, em um diálogo constante entre produção “singular” e a coletividade em que nos encontramos inseridos. Nesse sentido, uma reflexão epistemológica, ou seja “o estudo dos limites da ciência” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2012), não pode deixar de ser empreendida se quisermos produzir conhecimento em música; seja este científico, artístico, tecnológico e filosófico. E dentro dessa perspectiva, um debate sobre o conceito de paradigma, sobretudo nos moldes como Thomas Kuhn desenvolveu em seu livro *A estrutura das revoluções científicas* (2006), torna-se um dos pressupostos essenciais para futuras discussões.

Também a produção de conhecimento em arte pode ser considerada tendo como pressuposto o conceito de paradigma. Nesse aspecto, o texto de Gianni Vattimo *A estrutura das revoluções artísticas* (1987), e como o título já indica claramente, uma extensão e adaptação da discussão levantada por Thomas Kuhn, servirá de base para o escrito que segue.

## 2. Ciência

Do ponto de vista que venho refletindo a produção de conhecimento, um das concepções principais que tenho usado como norteador é o conceito de paradigma, sobretudo do modo como ele foi desenvolvido por Thomas Kuhn (2006) e posteriormente ampliado no texto intitulado “A estrutura das revoluções artísticas” pertencente ao livro *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* do filósofo Gianni Vattimo (1987).

Segundo Kuhn, o conceito de paradigma foi usado por ele no livro acima citado em dois sentidos principais: de um lado, indicando “a constelação de crenças, valores, técnicas, etc., partilhadas pelos membros de uma comunidade [científica] determinada”; e de outro, denotando “as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal<sup>1</sup>” (idem, p. 220). Desse ponto de vista, o primeiro sentido é o que mais nos interessa, pois aponta para um compromisso sociológico dos cientistas com seus modelos “narrativos”. E, nas palavras de Kuhn, um “paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens [cientistas] que partilham um paradigma” (idem, p. 221)

É neste sentido que destacamos que a comunidade científica pode ser sintetizada como um grupo de pessoas que compartilham modelos explicativos comuns, como afirmou Roberto Cardoso de Oliveira (2006, p. 53). Ou seja, um grupo que partilha soluções comuns relacionados com um campo de estudo e não a um objeto. Pois há, como sintetizou Thomas Kuhn, “comunidades que abordam o mesmo objeto científico de pontos de vista incompatíveis” (op. cit., p. 223). Reiterando, uma comunidade científica não se organiza porque compartilham um mesmo objeto, mas porque compartilha modelos de abordagem comuns. Portanto, uma ciência será definida pelo modo como um grupo de cientistas compartilham suas narrativas, suas especificidades científicas. Assim,

Quando (...) um indivíduo ou grupo produz uma síntese capaz de atrair a maioria dos praticantes de ciência da geração seguinte, as escolas mais antigas começam a desaparecer gradualmente. Seu desaparecimento é em

---

<sup>1</sup> Ciência normal: “a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior.” (KUHN, 2009, p. 29) Nesse sentido, servem “para definir implicitamente os problemas e métodos legítimos de uma campo de pesquisa para gerações posteriores de praticantes da ciência”(Idem, p. 30)

parte causado pela conversão de seus adeptos ao novo paradigma. (idem, p. 39)

Logo, uma ciência depende de toda uma dinâmica social que será construída dentro de uma comunidade de cientistas. E será esta hegemonia construída dentro da comunidade que dará aval ao “novo” paradigma vigente. Este norteará, seguramente, os departamentos que serão organizados, as linhas de pesquisa que serão instauradas, os pesquisadores que serão contratados e como as verbas públicas ou privadas poderão ser alocadas. Desta forma, o grupo hegemônico (e seu compromisso com um paradigma específico) buscará organizar uma força política que vai atuar nas agências de fomentos a fim de garantir a manutenção de todo um campo de estudo.

Evidentemente que para que aconteça uma revolução paradigmática (mudança de modelo compartilhado pelos cientistas), o antigo paradigma deve entrar em crise, ou seja, não mais responder às necessidades do campo de estudo determinado. E isso ocorre, sempre de acordo com Thomas Kuhn, porque o modelo explicativo vigente, a “ciência normal”, entra em crise, não propiciando mais respostas consistentes, ou seja, fracassam “em produzir os resultados esperados (idem, p. 95); ou por uma mudança de “visão de mundo” (idem, p.147).

O que mais nos interessa é que os momentos de crise abrem possibilidades de “luta” entre grupos antagônicos a fim de estabelecer seu paradigma e instaurá-lo como modelo para a comunidade, ou parte dela. E para que isso ocorra, modos de “persuasão” não poderão advir apenas da “promessa” de resolução de problemas não resolvidos dentro do paradigma em crise (até porque, quando um candidato se estabelece como modelo, não responde a todas as questões levantadas pela ciência em questão, mas porque há uma “promessa” em resolver o máximo deles e, por sua vez, suplantá-lo (o modelo antecessor)). Mas fazem-se necessários argumentos que transitem por vários campos, inclusive, de fora da esfera científica em questão. Alguns deles, mais subjetivos, dependem de idiosincrasias de natureza autobiográfica ou até mesmo nacionalidade (idem, p. 195); outros “apelam (...) ao sentimento do que é apropriado ou estético”, como teorias “mais claras”, mais “adequadas” ou mais “simples” (idem, p. 198).

Desse modo, dentro da ciência normal (e somente dentro da ciência normal) há a “ilusão” de que o progresso parece ser contínuo, não por revolução, “uma vez que o cientista trabalha apenas para uma audiência de colegas, audiência que partilha de seus valores e crenças” (idem p. 208), não percebendo os conflitos que

podem estar sendo gerados ao seu redor; seja em seu campo de atuação, ou em um campo adjacente que poderá afetar sua pesquisa em curto, médio ou longo prazo. Diferentemente dos pesquisadores das ciências sociais e do campo das artes que a todo o momento estão sendo avaliados pela “sociedade global” (idem, p. 208), sofrendo as pressões externas em sua labuta diária.

Evidentemente que para setores da sociedade (sejam públicos, privados ou os dois conjuntamente) algumas pesquisas interessam mais do que outras. Dessa forma, haverá toda uma movimentação e evidentemente pressões por parte destes setores a fim de financiar projetos específicos e orientar linhas de pesquisa específicas. Desse modo certos campos de estudos serão privilegiados, outros tratados com verbas menores e outros completamente descartados.

Portanto, a visão evolucionista da ciência ocorre porque não existe na ciência normal, segundo as palavras de Kuhn, uma “educação científica (...) equivalente ao museu de arte ou à biblioteca de clássicos” (idem, p. 211). E ao ser isolado em campo de atuação ou modelo paradigmático, pode ocorrer “uma distorção drástica da percepção” (idem, p. 211), gerando a ilusão de progresso contínuo, ofuscando as transformações que ocorrem por saltos, ou revoluções, e compromissos com visões de mundo, ou seja, com questões ideológicas e sociais, além do compromisso epistemológico.

### **3. Arte**

Para o filósofo italiano Gianni Vattimo, as transformações artística obedecem a padrões similares aos descritos por Thomas Kuhn nas ciências. Ou seja, as “revoluções” artísticas ocorrem tanto por esgotamento de procedimentos internos ao modelo paradigmático hegemônico, como por mudanças de visões de mundo. Segundo Vattimo,

O mundo da arte, privado desta basilar instância de juízo, parece um mundo em que o jogo dos paradigmas e das revoluções se pode desenvolver, por assim dizer, livremente e no estado puro, sem qualquer limite constituído pela preocupação de responder a exigências de validade, verdade, verificabilidade. (VATTIMO, 1987, p. 75).

Como já discutimos acima, para que ocorra uma mudança em modelos paradigmáticos, forças externas, além das internas ao modelo vigente, devem atuar. Nesse sentido, o poder “persuasivo” de uma comunidade artística (ou científica)

basear-se-á também em argumentos tanto subjetivos como estéticos. Neste ponto, a questão retórica, ou seja, a capacidade de convencer utilizando-se não somente de argumentos racionais, mais também emocionais<sup>2</sup>, adentram ao jogo da disputa pelo controle do paradigma que, como destacou Vattimo, comporta “uma assimilação de tipo estético, hermenêutico ou retórico (idem, p. 77).

Outro aspecto levantado acima é a noção de progresso, ou aperfeiçoamento contínuo da ciência. Como destacado, esse efeito de aperfeiçoamento só é possível porque os praticantes de uma ciência normal não possuem uma visão histórica e nem sociológica das disputas que ocorreram para seu estabelecimento, enxergando as modificações apenas do ponto de vista interno dos procedimentos normais. Também dentro desta perspectiva, arte e ciência parecem não estar distantes. O que ocorre é que no mundo da arte, essas questões – históricas e sociológicas ou estéticas e retóricas – não podem ser descartadas para que haja a manutenção consciente de um determinado modelo (normalidade) ou uma possível mudança (revolução).

De qualquer modo, a “fé” – e esta foi a palavra empregada por Thomas Kuhn (op. cit. 201) – no desenvolvimento técnico também é um componente caro à arte. Ou seja, quando estabelecido um determinado modelo, seu aperfeiçoamento constitui um dos parâmetros para sua manutenção. E isso ocorre porque os artistas (ou cientistas) vão trabalhar dentro do sistema, girando a roda de modo cada vez mais veloz, a fim de forçar os limites de suas possibilidades expressivas. Destarte, dentro de um modelo estabelecido, aceito e exercido por uma determinada comunidade, a noção de progresso será absolutamente aceita.

Não obstante a crítica tecida por Thomas Kuhn e Gianni Vattimo, a técnica como “o” grande valor da modernidade será exponencialmente potencializada nos últimos séculos. E isso se liga, seguramente, ao processo como o Ocidente empreendeu seu caminho, o que Gianni Vattimo denominou de secularização (idem, p. 83). Ou seja, não somente a técnica como aperfeiçoamento dentro de um modelo estabelecido e aceito, mas “a técnica como facto sócio-histórico mais geral, a organização tecnológica da produção e da vida social” (idem, p. 80). E aí pode residir o grande perigo: o perigo de pensar a história (seja nas artes ou nas ciências) como

---

<sup>2</sup> A fim de ampliar a discussão sobre a questão retórica e suas implicações racionais/emocionais, consultar REBOUL, Oliver. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

uma via única e evolutiva; como uma grande ideologia – o tecnicismo – que deve ser tomada de maneira crítica, pois pode tornar-se castradora e autoritária.

#### **4. A consciência da pluralidade dos sujeitos sociais como elemento problematizador da produção de conhecimento**

Em nossa área, a arte e, evidentemente em nossa subárea, a música, o problema se avoluma. E por várias questões. Primeiramente porque somos pressionados a todo o momento pelos sujeitos sociais, e nesse sentido, nossos “modelos discursivos” são avaliados constantemente pela sociedade. Evidentemente que produzimos, também, dentro de nossos campos de saber e que, neste aspecto, o conceito de paradigma ou de ciência normal, é absolutamente válido para nós, e se mostra como um norteador para a produção de conhecimento.

Porém, o fato de a arte, e as ciências sociais como um todo, estar em um diálogo constante com a sociedade abre um leque para que coloquemos em cheque o caráter “unidirecional” aparentemente ligado às “*hard sciences*”. Nós (artistas e cientistas sociais) estamos lidando, inclusive, com paradigmas paralelos, já que somos educados no “museu” da arte, confrontando-nos sempre com os modos de interpretar o mundo e formalizá-los em obra de arte, em textos teóricos ou em projetos sociais. Assim, produzir conhecimento em arte, é “manusear” continuamente visões que foram desenvolvidas ao longo da história. Além disso, ao absorvermos a ideia de “revolução” também na arte (aliás, para Gianni Vattimo este sempre um dos aspectos essenciais de nossa área), teremos que abrir mão de uma visão evolucionista, já que iremos nos deparar sucessivamente com os limites do nosso conhecimento que se transforma também por saltos, e não somente de modo linear, liberando visões múltiplas.

E não somente isso. Tanto a filosofia como a historiografia do século XX tem incorporado em seus discursos a diversidade dos sujeitos sociais que formam determinada área de conhecimento. E esses sujeitos sociais vão construir também seus métodos, ou seja, seus discursos, suas obras de arte, comprometidos não só com suas posturas epistemológicas (os limites de seus métodos), mas também dentro de perspectivas sociais e culturais nas quais estão inseridos<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Para uma discussão mais abrangente do ponto de vista epistemológico, consultar FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.; e do ponto de vista historiográfico, cf. JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2011.

## 5. Conclusão

A consciência do conceito de paradigma, como discutimos acima, abre a questão da produção de conhecimento, colocando no centro das discussões valores que, outrora antagônicos, pertenciam ou às “*hard sciences*” ou às artes e ciências sociais. A luta dos defensores de um dado modelo e suas estratégias para instaurar seus modos de visão, também aproxima arte e ciência. Outro aspecto, não menos importante, é o quanto a comunidade externa (a sociedade global, como definiu Kuhn), participa de modo decisivo para o estabelecimento de um novo modelo paradigmático, forçando seus interesses de fora para dentro.

Portanto a consciência da pluralidade social dentro de nosso campo de atuação traz implicações de suma importância para que possamos desenvolver nossas pesquisas e produzir conhecimento. E a consciência dessa pluralidade não traz somente implicações no que diz respeito a questões políticas: como e com quem devemos nos organizar como comunidade a fim de estabelecer nosso campo de atuação. Mas também traz à consciência a pluralidade de modelos discursivos/paradigmáticos (sobretudo, mas não somente, nos tempos de crise), enfraquecendo nossas posturas e fragilizando nossas certezas (TEIXEIRA, 2005, p. 7); propiciando uma maior abertura para outros modelos de narrativa, liberando nossa produção de modo a encarar a pluralidade de modo menos problemático, aceitando a convivência com outras visões, logo, com outros modos de produzir conhecimento.

## Referência Bibliográfica

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica e Antropologia, 05/06/2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QHUIOsrrjKk> - Publicado em 05/06/2012. Acesso em 26 de março de 2013.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. 3ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 1ª reimpr. Da 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

REBOUL, Oliver. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TEIXEIRA, Evilázio. *A Fragilidade da razão: pensiero debole e nihilismo*

*hermenêutico em Gianni Vattimo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Lisboa: Ed. Presença, 1987.